

M

REVISTA

da

ACADEMIA MATOGROSSENSE

DE

LETRAS

(Número especial comemorativo do 60,^o
aniversário de fundação da Entidade)

| 1982 |

36

REVISTA DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE
DE LETRAS

ANO: 1982 - Nº Especial comemorativo dos 60 anos
da AML

REVISTA

da

Justificativa

ACADEMIA MATOGROSSENSE

DE

LETRAS

(Número especial comemorativo do 60.^o
aniversário de fundação da Entidade)

1982

Justificativa

Tendo a Academia Matogrossense de Letras completado gloriosamente, a 7 de Setembro de 1981, sessenta anos de proveitosa existência, entendemos que o fato deveria ser assinalado com uma publicação que trouxesse a atualização de seu quadro de sócios efetivos, bem como notícias referentes ao evento, como uma contribuição para a sua história.

Integram ainda este número especial da Revista da A.M.L. os discursos proferidos na solenidade mencionada pelo Presidente que se empossou naquela data, pelo Acadêmico Pedro Rocha Jucá ao tomar posse da cadeira nº 22, pelo Acadêmico Rubens de Mendonça ao recebê-lo e os artigos publicados no jornal "O Estado de Mato-Grosso" pelos Acadêmicos Hugo Pereira do Vale e Antonio de Arruda, alusivos à efeméride.

Cuiabá, Janeiro de 1982.

Lenine C. Póvoas
Presidente

A Academia Matogrossense de Letras

no seu sexagésimo aniversário de fundação
Quarta-feira, 7 de Setembro de 1981

A Academia Matogrossense de Letras

NO SEU SEXAGÉSIMO ANIVERSÁRIO DE FUNDAÇÃO

DIRETORIA EMPOSSADA A 7 DE SETEMBRO DE 1981:

Presidente - Acad. Lenine C. Póvoas

Vice-Presidente - Acad. Archimedes Pereira Lima

1º Secretário (Perpétuo) - Acad. Rubens de Mendonça

2º Secretário - Acad. Ernesto Pereira Borges

Tesoureiro - Acad. Luis Philippe Pereira Leite

COMISSÃO DE CONTAS E ORÇAMENTO:

Acad. Padre Raimundo Pombo Moreira da Cruz

Acad. João Antonio Neto

Acad. Agenor Ferreira Leão

A Academia Matogrossense de Letras

no seu sexagésimo aniversário de fundação

Quadro de sócios efetivos a 7 de Setembro de 1981:

Cadeira nº 1 -

Patrono: José Barbosa de Sá
1º ocupante: Manoel Paes de Oliveira
2º ocupante: Leonidas Antero de Matos
3º ocupante: Benjamin Duarte Monteiro

Cadeira nº 2 -

Patrono: Joaquim da Costa Siqueira
1º ocupante: Gervásio Leite

Cadeira nº 3 -

Patrono: Ricardo Franco de Almeida Serra
1º ocupante: Miguel Carmo de Oliveira Melo
2º ocupante: Lecio Gomes de Souza

Cadeira nº 4 -

Patrono: Pe. José Manoel de Siqueira
1º ocupante: Dom Francisco de Aquino Correia
2º ocupante: Padre Raimundo Pombo Moreira da Cruz

Cadeira nº 5 -

Patrono: Antonio Pires da Silva Pontes
1º ocupante: Arlindo de Andrade
2º ocupante: Francisco Ayres

Cadeira nº 6 -

Patrono: Francisco José Lacerda de Almeida
1º ocupante: Cecilio Rocha
2º ocupante: Ernesto Pereira Borges

Cadeira nº 7 -

Patrono: Cônego José da Silva Guimarães
1º ocupante: D. Maria de Arruda Muller

Cadeira nº 8 -

Patrono: Luís D'Alincourt
1º ocupante: Antonio Fernandes de Souza

2º ocupante: Luis Felipe Saboia Ribeiro
3º ocupante: Antonio Lopes Lins

Cadeira nº 9 -

Patrono: Dom José Antonio dos Reis
1º ocupante: Rubens de Mendonça

Cadeira nº 10 -

Patrono: Prudencio Giraldes Tavares da Velga Cabral
1º ocupante: Palmiro Pimenta
2º ocupante: Corsíndio Monteiro da Silva

Cadeira nº 11 -

Patrono: Barão de Melgaço
1º ocupante: Estevão de Mendonça
2º ocupante: Antonio de Arruda

Cadeira nº 12 -

Patrono: Antonio Claudio Soido
1º ocupante: Gabriel Vandoni de Barros

Cadeira nº 13 -

Patrono: Antonio Correa do Couto
1º ocupante: Archimedes Pereira Lima

Cadeira nº 14 -

Patrono: Padre Ernesto Camilo Barreto
1º ocupante: Leovegildo Martins de Melo
2º ocupante: Nilo Póvoas
3º ocupante: Hélio Jacob

Cadeira nº 15 -

Patrono: Joaquim Mendes Malheiros
1º ocupante: Augusto Cavalcanti de Melo
2º ocupante: Francisco Alexandre Ferreira Mendes

Cadeira nº 16 -

Patrono: Antonio Augusto Ramiro de Carvalho
1º ocupante: Frankjin Cassiano da Silva
2º ocupante: Ulisses Cuiabano
3º ocupante: Padre Wanir Delfino Cesar
4º ocupante: Joaquim Justino Alves Bastos

Cadeira nº 17 -

Patrono: João Severiano da Fonseca
1º ocupante: Carlos Gomes Borralho
2º ocupante: Humberto Marcillo Reinaldo
3º ocupante: Frederico Augusto Rondon

Cadeira nº 18 -

Patrono: Francisco Antonio Pimenta Bueno
1º ocupante: José Magno da Silva Pereira
2º ocupante: Alirio de Figueiredo
3º ocupante: Francisco do Amaral Militão
4º ocupante: Hélio Serejo

Cadeira nº 19 -

Patrono: José Vieira Couto de Magalhães
1º ocupante: José de Mesquita
2º ocupante: Vera Randazzo

Cadeira nº 20 -

Patrono: José Estevão Correia
1º ocupante: Filogonio de Paula Correia
2º ocupante: José Adolfo Lima Avelino
3º ocupante: Domingos Sávio Brandão Lima

Cadeira nº 21 -

Patrono: Manoel Peixoto Corsino do Amarante
1º ocupante: Luis Philippe Pereira Leite

Cadeira nº 22 -

Patrono: Visconde de Taunay
1º ocupante: João Barbosa de Faria
2º ocupante: Carlos de Castro Brasil
3º ocupante: Pedro Rocha Jucá

Cadeira nº 23 -

Patrono Antonio Gonçalves de Carvalho
1º ocupante: Raimundo Maranhão Aires
2º ocupante: Agenor Ferreira Leão

Cadeira nº 24 -

Patrono: Aquilino Leite do Amaral Coutinho
1º ocupante: Ovidio de Paula Correa
2º ocupante: Francisco Bianco Filho
3º ocupante: Jary Gomes

Cadeira nº 25 -

Patrono: Amancio Pulcherio de França
1º ocupante: José Raul Vilá
2º ocupante: João Antonio Neto

Cadeira nº 26 -

Patrono: Joaquim Duarte Murtinho
1º ocupante: Joaquim Gaudie de Aquino Correa

2º ocupante: Oscarino Ramos
3º ocupante: Benedito Pedro Dorilêo (ainda não emposado).

Cadeira nº 27 -

Patrono: José Barnabé de Mesquita (Senior)
1º ocupante: Ana Luiza Prado Bastos

Cadeira nº 28 -

Patrono: Caetano Manoel de Faria e Albuquerque
1º ocupante: Severino Ramos de Queiroz
2º ocupante: Ulisses Serra
3º ocupante: Demosthenes Martins

Cadeira nº 29 -

Patrono: Antonio Correa da Costa
1º ocupante: Virgílio Correa Filho
2º ocupante: Janio da Silva Quadros (ainda não emposado)

Cadeira nº 30 -

Patrono: Manoel Espiridião da Costa Marques
1º ocupante: Otavio Cunha Cavalcanti
2º ocupante: Francisco Leal de Queiroz

Cadeira nº 31 -

Patrono: José Delfino da Silva
1º ocupante: Lamartine Ferreira Mendes
2º ocupante: Adauto Dias de Alencar

Cadeira nº 32 -

Patrono: Francisco Catarino Teixeira de Brito
1º ocupante: Isac Póvoas
2º ocupante: José Ferreira de Freitas

Cadeira nº 33 -

Patrono: Mariano Ramos
1º ocupante: Nicolau Fragelli
2º ocupante: Lenine de Campos Póvoas

Cadeira nº 34 -

Patrono: José Tomás de Almeida Serra
1º ocupante: Antonio Cesario de Figueiredo Neto
2º ocupante: Olegário Moreira de Barros
3º ocupante: João Moreira de Barros

Cadeira nº 35 -

Patrono: Joaquim Perelra Ferreira Mendes

1º ocupante: José Jaime Ferreira de Vasconcelos
2º ocupante: João Vilasbôas

Cadeira nº 36 -

Patrono: Pedro Trouy
1º ocupante: Luís Feitosa Rodrigues
2º ocupante: José Couto Vieira Pontes

Cadeira nº 37 -

Patrono: Antonio Vieira de Almeida
1º ocupante: Cesario da Silva Prado
2º ocupante: Bernardo Elias Lahdo

Cadeira nº 38 -

Patrono: Frederico Augusto Prado de Oliveira
1º ocupante: João Cunha
2º ocupante: Amarilio Novis
3º ocupante: Ciro Furtado Sodré (atualmente vaga)

Cadeira nº 39 -

Patrono: Antonio Tolentino de Almeida
1º ocupante: Antonio Cesario de Figueiredo Neto (atualmente vaga)

Cadeira nº 40 -

Patrono: Padre Antonio Maria de Oliveira
1º ocupante: Rosário Congro
2º ocupante: Hugo Pereira do Vale

OBS - Dos Academicos mencionados em toda esta lista, foram fundadores da Academia (então Centro Matogrossense de Letras, a 7 de Setembro de 1921) os seguintes:

Dom Francisco de Aquino Correa, Antonio Fernandes de Souza, Estevão de Mendonça, Carlos Gomes Borralho, José de Mesquita, Filogonio de Paula Correia, José Raul Vilá, Virgilio Correa Filho, Otavio Cunha Cavalcanti, Lamartine Ferreira Mendes, e Cesário da Silva Prado.

Discurso

Pronunciado pelo Acadêmico Lenine C. Póvoas ao tomar posse da Presidência da Academia, a 7 de Setembro de 1981:

Com emoção assumo, nesta hora, a Presidência desta Augusta Academia, posto a que sou conduzido pela magnanimidade dos meus ilustres confrades.

Ao receber tão alta investidura devo confessar-lhes que tendo passado por elevados postos em minha vida pública, em nenhum deles me senti mais lisonjeado do que neste a que sou guindado pela imerecida escolha dos mais altos expoentes da cultura matogrossense.

Ao receber a Presidência desta Casa de tantas tradições, justamente no dia em que ela comemora 60 anos de gloriosa existência, meu pensamento volta-se, em primeiro lugar, para a figura ímpar de Dom Francisco de Aquino Corrêa, seu inolvidável fundador, seu incentivador e seu ex-Presidente de Honra.

No célebre discurso proferido a 7 de Setembro de 1921, na solenidade com que se instalava, no Salão Nobre do "Palácio da Instrução" o Centro Matogrossense de Letras -- que se transformaria, em 1932, na Academia Matogrossense de Letras --, saudava o eminente Arcebispo o nascimento desta Entidade com estas palavras:

"Nesta suave convicção é que saúdo o seu aparecimento como uma das mais alviçareiras florações da primavera intelectual que agita o espírito da moderna geração matogrossense".

Fundada com nobres objetivos e embalada pelo ideal do culto às belas letras e às tradições de nossa terra, podemos dizer hoje, exatamente 60 anos passados, que, mau grado as limitações do meio viveu ela fiel aos seus altos desígnios e aos augúrios de seus fundadores.

Neste momento meu pensamento volta-se, ainda, para a inolvidável personalidade de José de Mesquita, que foi, enquanto viveu, o seu Presidente, coração e alma desta Academia.

Disse certa vez esse autêntico líder da nossa cultura que "a Academia Matogrossenses de Letras é, sem dúvida, o esforço conjugado de mais de duas gerações e que já atravessou, também, mais uma geração, conservando-se sempre fiel ao seu programa inicial".

Meu pensamento volta-se, também, nesta hora, para outros ilustres confrades que honraram a Presidência desta Casa, os saudosos Padre Wanir Delfino Cesar e o

Professor Antonio Cesario de Figueiredo Neto que já passaram a eternidade, e os eminentes Acadêmicos Antonio de Arruda, Francisco Alexandre Ferreira Mendes, Gervásio Leite, Archimedes Pereira Lima e Rubens de Mendonça.

A todos eles, nesta data magna da Pátria e da nossa Academia, as minhas homenagens, a minha admiração e a gratidão dos que verdadeiramente amam as tradições de cultura da terra matogrossense.

A evocação dos que me antecederam na Presidência desta Casa dá bem idéia da responsabilidade que cai sobre os meus ombros ao ser nela empossado.

Tenho a certeza plena de que não reuno as condições indispensáveis para conduzi-la com o brilho dos que a dirigiram ao longo destes 60 anos da existência.

Mas posso assegurar-vos, senhores Acadêmicos, que na tarefa que me confiastes porei todo o empenho, toda a dedicação e também toda a humildade que tenho posto no desempenho dos cargos que tenho exercido.

O entusiasmo e o amor que José de Mesquita dedicou a esta casa hão de ser, para mim, inspiração constante.

Estou convicto de que não me faltarão a solidariedade decidida dos nobres confrades assim como o imprescindível apoio dos poderes públicos.

Devo recordar, a propósito, que a Academia nasceu sob o paranifado do Governo estadual.

No já famoso discurso citado, proferido na sessão inaugural do Centro Matogrossense de Letras, revela-nos o inclito Dom Aquino Corrêa, — então o Presidente do Estado de Mato-Grosso —, a dúvida que o assaltara ao receber o convite para proferir aquela oração: ficara indeciso se à solenidade deveria comparecer com a “leve clâmide grega do culto às letras”, ou se também compareceria como Governador, portando a “venerável toga da magistratura suprema do Estado”.

Entre comparecer como simples homem de letras ou como Presidente do Estado, decidiu-se, finalmente, pela última hipótese,

“ao pensar, como penso, — dizia ele — que o Governo do Estado não possa quedar-se indiferente ao notável fenomeno luminoso que se vem produzindo na esfera sideral da intelectualidade matogrossense”.

Folgo em registrar que já vai distante a transitória fase de obscurantismo que atravessamos, em que os nossos governantes relegaram ao último plano o interesse pela cultura, como cousa inútil, que não rendia imediatos dividendos eleitorais.

Nos períodos governamentais mais recentes a preocupação pela preservação de nosso patrimônio cultural tem estado bem patente, demonstrando que os governantes entenderam que a cultura é o coroamento mais brilhante das obras que realizam pelo nosso progresso material.

Na administração do ex-Governador José Fragelli a pronta ação governamental impediu que se acabasse de todo o nosso patrimônio histórico, constante de toda a preciosa documentação confiada ao antigo Arquivo Público do Estado, então em vias de completa e total destruição.

Na administração do ex-Governador José Garcia Neto, tivemos o importantíssimo fato da instituição da "Fundação Cultural de Mato Grosso" e, no âmbito municipal, a criação da "Casa da Cultura".

Na administração atual, do Dr. Frederico Carlos Soares Campos, temos já a creditar a Sua Excelência a restauração deste solar em que viveu e morreu o Barão de Melgaço, séde de nossas mais venerandas Instituições de cultura, além do decidido apôio que tem dado às iniciativas culturais.

Tudo nos anima e nos faz crer que a nossa tarefa será facilitada pelo apoio que por certo receberemos dos poderes constituídos, pois a cultura é o patrimônio maior e mais duradouro que as gerações herdaram das que as antecederam.

Com tais propósitos e levado por essas esperanças, assumo a Presidência da Academia Matogrossense de Letras, nesta noite de encantamento espiritual, em que ela retoma, com a posse do Acadêmico Pedro Rocha Jucá e as próximas posses de João Moreira de Barros, de Adauto de Alencar e de Vera Randazzo o ritmo brilhante de suas atividades, manifestando, publicamente, os meus mais sinceros agradecimentos aos que confiaram em nossa disposição de trabalho.

Muito obrigado!

Discurso de Posse

Proferido pelo Acadêmico PEDRO ROCHA JUCÁ

“SENHORES ACADÊMICOS: Neste momento tão significativo da minha vida, quando ingresso efetivamente na Academia Mato-Grossense de Letras, peço a Deus e a Nossa Senhora de Fátima que me iluminem o suficiente para ser digno dos ilustres pares que compõem esta Casa. E assim o faço sem falsa modestia, pois reconheço os méritos dos que hoje me recebem e entendo as limitações da minha capacidade. O que mais me encoraja a aqui comparecer, nesta solenidade proporcionada pela bondade dos Senhores Acadêmicos, é saber que faço do jornalismo um culto de fé neste Estado que me acolheu para sempre e que, indo além da minha pessoa, a Academia Mato-Grossense de Letras procura homenagear a todos aqueles jornalistas que labutam nas redações pela glória de Mato Grosso. Longe de mim, portanto, a pretensão de substituir um Carlos de Castro Brasil. Aqui estou, como jornalista, em nome dos meus confrades, e na esperança de não decepcioná-los na expectativa de garantir a continuidade do trabalho iniciado por ilustres nomes do jornalismo mato-grossense.

Procurarei ser breve neste instante, mas saberei me curvar eternamente aos Patronos desta Academia e ser grato aos Senhores Acadêmicos que me acolhem com tanta bondade e compreensão. Pedro Calmon considerava o pior discurso aquele que fosse longo e Antonio Houaiss dizia que “Em momentos assim, é mister ser breve”. Não será necessário usar muitas palavras para dizer que tudo farei para ser fiel à cultura mato-grossense, esforçando-me ao máximo para ser digno dela e da Cadeira n.º 22 que passo a ocupar na Academia Mato-Grossense de Letras.

Permitam-me vasculhar um passado que se repete na imaginação e na realidade da vida. Nasci no sopé da Serra do Araripe, ao romper da aurora de uma manhã de maio, em Crato, Estado do Ceará, no fértil Vale do Cariri. Aos 14 anos já escrevia no jornal estudantil “O IDEAL” e um ano depois fundava “A VOZ DA MOCIDADE”. Desde cedo, como se vê, já estava palpitando em mim o ideal do jornalismo. Encontrei em meu pai o maior estímulo para tanto. Graças a ele li muitos livros. Admito, sem constrangimento e sim com saudade, que isto nem sempre fazia com satisfação. Ele marcava os trechos que deveriam ser lidos por mim e horas depois fazia a sua avaliação. Se verificasse uma falha qualquer me fazia repetir os trechos em voz alta. E foi assim que me evolui dos livros de história para crianças, povoando a minha mente de muitos “Era uma vez...”, até a autores estrangeiros. Um desses livros, “O CAMINHO DA FELICIDADE”, de Victor Pouchais, se não me falha a memória, é útil para mim até

hoje. Uma de suas recomendações: beber um pouco de água antes da primeira refeição serve para evitar úlcera. Ou então: respirar profundamente o ar da manhã para purificar os pulmões e o sangue. De Viriato Corrêa obtive valiosos conhecimentos sobre a História do Brasil, naquele seu linguajar para crianças, inclusive sobre o avanço dos bandeirantes paulistas em direção de Mato Grosso. Através do seu livro "HISTÓRIA DO BRASIL PARA CRIANÇAS" tive o primeiro contato com Mato Grosso, que somente vim a conhecer aos 18 anos de idade. Através da leitura consegui meios que me auxiliaram a escrever e assim ficou mais fácil o meu acesso ao jornalismo. Por tudo isto não posso me esquecer do meu pai neste momento tão importante. Hoje ele está sepultado, mas não esquecido, no Cemitério do Primeiro Distrito de Cuiabá, onde também encerrarei os meus dias.

Em Mato Grosso conheci minha esposa e aqui nasceram os meus filhos. Até parece que se repetiu no convívio da família Póvoas, aquele trecho de José de Alencar, na cena em que Iracema leva Martim Soares Moreno à presença do seu pai: "Bem vindo seja o estrangeiro aos campos dos Tabajaras, senhores das aldeias, e à cabana de Araquém, pai de Iracema" E Araquém completa: "Bem-vindo sejas. O estrangeiro é senhor na cabana de Araquém". Hoje, sou mato-grossense como os meus filhos. Macaúba virou bocaiúva. Jerimum virou abóbora. Macajeira virou mandioca. Mas, lembrando uma observação de Rubens de Mendonça, o pardal aprendeu a cantar como o bem-te-ví sem se esquecer das suas origens.

É com o mais profundo respeito que hoje assumo a Cadeira n.º 22, até há pouco ocupada pelo inesquecível Carlos Castro Brasil. A Academia Mato-Grossense de Letras é o templo de uma cultura de quase três séculos. Uma cultura que foi ilhada pela geografia e que rompeu estes séculos com a força magnânima de um povo exemplar. O mato-grossense sempre brilhou, na paz ou na guerra, na História ou na Geografia, nas Ciências ou nas Letras. Aqui, contemplando este cenário de imensa riqueza espiritual, o único gesto válido é a reverência aos Patronos, aos Acadêmicos que partiram para o além da vida e aos Acadêmicos que continuam honrando e dignificando esta Casa.

O meu antecessor na Cadeira n.º 22 era brilhante em todas as suas atividades culturais, com destaque para a oratória, o jornalismo e a poesia. Carlos de Castro Brasil era filho do alferes Joaquim Xavier de Castro Brasil e de dona Alvina de Castro Brasil. Nasceu no dia primeiro de março de 1905, em Corumbá, hoje Mato Grosso do Sul. Depois de períodos de estudos em Campo Grande e Rio de Janeiro, ele voltou a Corumbá e casou-se com dona Lucinda Cristovão, filha do então consul português, Gonçalo Cristovão. Dessa união, nasceram os filhos Aldo (já falecido), Carlos, Hércio, Hena, Marília e Ronaldo. Ele, "O Grande Tribuna de Corumbá", dedicou-se sempre ao jornalismo, colaborando nos jornais "O VAGALUME", "A CIDADE", "O GRÁFICO", foi redator-chefe de "A

TRIBUNA”, fundou e dirigiu “O MOMENTO” e foi um dos responsáveis pelo surgimento do “DIÁRIO DE CORUMBÁ”. A fundação de “O MOMENTO” não foi tranquila e exigiu de Carlos de Castro Brasil uma luta que se prolongou até o Rio de Janeiro, onde conseguiu a licença governamental para que o jornal circulasse. Castro Brasil foi ainda um dos fundadores da Seleta Sociedade Caritativa e Humanitária, foi um dos que restauraram as colunas da Loja Simbólica Estrela do Oriente, foi um dos fundadores da Loja Simbólica Caridade e Silêncio e foi um dos fundadores da Academia Corumbaense de Letras, ocupando a Cadeira que tem como Patrono Generoso Paes. Embora não tenha publicado livros, a sua obra literária é vasta e rica em forma de sonetos, trovas, reportagens, crônicas, artigos, discursos. Teve êxito em todos os seus empreendimentos, seja como advogado, promotor, administrador, jornalista, professor e poeta, conquistando com o seu verbo fluente a todos aqueles que o liam ou o ouviam. Sua voz calou-se no dia 12 de outubro de 1976, no Dia das Crianças, mas a eternidade orgulha-se de divulgar seus mais de 100 sonetos clássicos, trovas e poesias.

Não morrerá jamais um poeta que assim diz:

SONHO ANTIGO

Com meu pendão marcial, negro e bisonho,
Eu tomei minha lança e meu broquel,
E a conquista do bem que almejo e sonho.
Parti, montado, altivo em meu corcel.
E, tercel minha lança em prol do sonho ...
E, venci mil batalhas, em tropel...
Mas sentí, com desânimo medonho,
Que a vitória amargava como fel...
Eu sei que sou um louco visionário,
Que caminha na Terra, solitário,
Na incessante procura do ideal.
Mas ainda a Esperança me conforta;
Pois, se a matéria vil pode ser morta,
— A Alma não morrerá, porque é imortal...”

Há poucos dias estive em Corumbá para cumprimentar a sua família. Tive a satisfação de rever dona Hena Brasil de Castro, atual presidente da Academia Corumbaense de Letras. As excepcionais qualidades do seu pai estão cristalizadas nas suas trovas, onde é reconhecida e aplaudida nacionalmente. Ela me proporcionou a rara felicidade de ler vários manuscritos de Carlos de Castro Brasil. Uma autêntica relíquia de cultura e de sabedoria. É a eloquência do ideal vigoroso do seu autor em forma de letras.

Em memória do grande jornalista Carlos de Castro Brasil nada melhor do que esta citação de outro jornalista, Rui Barbosa: “Quando me consulto a mim mesmo, no mais recolhido exame, forcejando atinar em que teria eu merecido algum apreço dos meus compatriotas, e porque vos inspiraís tais sim-

patias, não acho a meu crédito senão tres modestas verbas. Caso, postos de parte os descontos humanos, houvessem de condensar numa síntese o meu "curriculum vitae", e do meu naufrágio salvassem alguns restos, tudo se teria, talvez, resumido com dizer: "Estremeceu a Pátria, viveu no trabalho e não perdeu o ideal".

O Patrono da Cadeira n.º 22 da Academia Mato-Grossense de Letras é o Visconde de Taunay, nascido no Rio de Janeiro a 22 de fevereiro de 1843. Antes mesmo dele nascer, o nome de sua família já estava ligado a Mato Grosso. O seu tio Adriano, desenhista da Expedição do Barão Langsdorf, com Hércules Florence e outros nomes conhecidos na época, conseguiu chegar até ao Rio Guaporé, em cujas águas veio a falecer em 1828, nas proximidades de Vila Bela. Em 1871, indicado pelo então Visconde de Rio Branco, ele foi eleito deputado pela também então Província de Goiás. Aqui se faz uma citação curiosa, mencionada pelo próprio Visconde de Taunay em "TRECHOS DE MINHA VIDA". Interpretando o pensamento da oposição local, Joaquim Serra dizia, a propósito da sua eleição, no jornal "REFORMA": "Os povos de Goyas aceitando com entusiasmo o candidato que lhe indicou o governo, pedem, tão somente, que lhes mandem o nome traduzido em português".

Com a divulgação de "A RETIRADA DA LAGUNA" mais ligado ficou o seu nome a Mato Grosso. Tendo participado ativamente do que ele chamava Expedição de Mato Grosso, o Visconde de Taunay, recém-promovido a primeiro-tenente, com 24 anos de idade, foi recebido na noite de primeiro de agosto de 1867 por Dom Pedro II, que queria o seu relato pessoal. O imperador o ouviu atentamente e lamentou: "Bem, bem. Lerei com todo o cuidado as partes oficiais. Mas como foram abandonar feridos e doentes? Enfim... Tudo verei". Durante uma semana, Mato Grosso dominou o noticiário dos jornais do Rio de Janeiro. Por sua participação na campanha de Mato Grosso, o Visconde de Taunay foi agraciado com a Medalha comemorativa da Retirada de Laguna, que depois se fez extensiva às forças que retomaram Corumbá, juntamente com os demais membros da sua coluna expedicionária. A medalha era oval, com o busto do Imperador de um lado e do outro as palavras: "Constancia e Valor", rodeadas de folhas de louro, suspensa por uma fita azul e amarela. Em 1868 ocorrem dois fatos em sua vida, sendo um triste e outro alegre. Morre em Humaytá o seu estimado amigo capitão de Artilharia João Baptista Marques da Cruz, que servia em Cuiabá. No mesmo ano apareceu o seu primeiro livro, "SCENAS DE VIAGEM" que começou em Coxim e foi continuando em Miranda (Morros) e Nioaque. Os manuscritos foram em parte prejudicados pelas chuvas, em Nioaque. O pai de Visconde de Taunay exerceu um importante papel em sua vida. Ante a sua demora em escrever "A RETIRADA DA LAGUNA", o comendador Félix Emilio Taunay insistia: "Tu perdes, Alfredo, o melhor ensejo de te cobrir de glória". E não ficava nisto: "Faltas ao teu dever, meu filho, e ao que deves aos teus companheiros mor-

tos, de quem jamais se falará". A propósito, depois de citar as dificuldades encontradas para iniciar a obra, o Visconde de Taunay revelou: "Certa noite, acordei a horas mortas, perdi de todo o sono, e, na vigília, todos os fatos da retirada se me reproduziram de modo tão claro e tão terrível, que tive violentos calafrios e tremi de emoção e positivo medo. Não perdi, porém, o momento de súbita inspiração. Acendi a vela, saltei da cama, e durante mais de duas horas seguidas tomei febrilmente notas de toda a minha tétrica história. E houve trechos em que exprimentei os arrepios e o pavor da morte, a rememorar, por modo tão vivo e inesperado, as cenas e os horrores que eu presenciara e tão depressa me iam fugindo da lembrança". Com um pouco mais de 24 anos, o Visconde de Taunay concluiu "RETIRADA DE LAGUNA" em menos de um mês. Escreveu ainda: "RECORDAÇÕES DE GUERRA E DE VIAGEM", "OURO SOBRE AZUL" (romance), "VIAGENS DE OUTRORA", "PHILOLOGIA E CRÍTICA", "CARTAS DA CAMPANHA" e "TRECHOS DE MINHA VIDA". O romance "INOCÊNCIA" teve como palco a região de Santana do Paraiba, hoje Mato Grosso do Sul.

Aqui, neste mesmo recinto, o confrade Gervásio Leite disse certa vez que Estevão de Mendonça é o nosso historiador maior e mais insigne. E assim também entendo. No jornal "O ESTADO DE MATO GROSSO" publiquei um caderno especial dedicado a este ilustre nome da cultura mato-grossense. Hoje, para felicidade minha, aqui está a me receber seu filho, o continuador da sua obra: O Acadêmico Rubens de Mendonça. Os dois se completam, cada um correspondendo ao seu tempo. Há, contudo, traços que individualizam o pai e o filho. Se Estevão de Mendonça deixou uma obra completa, insubstituível e para sempre, com as suas "DATAS MATOGROSSENSES", Rubens de Mendonça tem sido nestes últimos anos uma figura ímpar em nossa literatura, chegando a publicar 46 livros, marca jamais igualada em todo o Centro-Oeste brasileiro. Desde 1959 recebo de Rubens de Mendonça continuadas demonstrações de apreço, tanto nos momentos difíceis como nos felizes, como agora, neste instante tão valioso da minha vida, quando ingresso na Academia Mato-Grossense de Letras. Honrado, agradecido e sensibilizado pela grandeza do seu coração, torno-me pequeno diante da sua cultura e insignificante diante de sua vasta obra literária. Como secretário perpétuo da Academia Mato-Grossense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, Rubens de Mendonça realiza um trabalho incomparável, sendo difícil o surgimento de outro nome que venha reunir as mesmas qualidades, a mesma vivência, a mesma capacidade, o mesmo empenho, a mesma dedicação. Ao invés de me alongar em reverências à sua consagrada obra, permitam-me os presentes externar o carinho e a estima que sempre dediquei a Rubens de Mendonça, a dona Ivone e a Adélia, em cujo lar sempre fui recebido como um membro da família.

Aproveito a oportunidade para algumas mensagens. Como jornalista, reivindico do Governo estadual a micro-filmagem

de todos os jornais e revistas já editados em Mato Grosso, pois em nosso Estado se encontra um dos mais importantes acervos da imprensa brasileira. Como professor, gostaria de dizer que as minhas pesquisas, ainda não conclusivas, me encorajam a deduzir que a educação deve se adaptar ao ritmo da velocidade de conhecimento do mundo em que vivemos, com um ensino capaz de acompanhar as conquistas tecnológicas e de melhor aproveitar as máquinas que surgem. Como pesquisador da História de Mato Grosso devo dizer das dificuldades existentes no bom desempenho deste mister justamente por faltar um maior apoio, um melhor incentivo. Se a Carta de Pero Vaz Caminha demorou dois séculos para ser publicada, quem escreve a História de Mato Grosso tem que ser o pesquisador, o autor e o editor, pois os recursos, quando surgem, são escassos.

No dia 27 de agosto passado o jornal "O ESTADO DE MATO GROSSO" completou 42 anos de existência. É, por isto, uma relíquia do registro histórico, em termos de jornal, da História Mato-Grossense Contemporânea. Mesmo assim, e a despeito da grande atenção que sempre proporcionei à sua coleção, nestes últimos 22 anos, muito está perdido da sua longa existência. Como se sabe, o jornal "O ESTADO DE MATO GROSSO" foi fundado para comemorar o primeiro centenário da circulação do primeiro jornal do nosso Estado, o "THEMIS MATOGROSSENSE", no dia 15 de agosto de 1839. Como se vê, o jornalismo em Mato Grosso já conta 142 anos e relativamente pouco existe deste imenso acervo. Com a microfilmagem aqui reivindicada seria possível a conservação, a exemplo do que já ocorre em algumas Capitais brasileiras, dos títulos de jornais ainda em circulação. Somente quem vive dentro de um jornal, sentindo o seu relacionamento com a comunidade, entende melhor o significado de um trabalho desta natureza. Se a notícia do dia é importante, mais importante ela se torna quando for mais antiga e mais necessária para atender a este ou aquele interesse. O governador Frederico Carlos Soares de Campos, aqui presente, poderia nos proporcionar nesta noite a alegria de uma resposta afirmativa a esta reivindicação, sumamente necessária à preservação do patrimônio histórico de Mato Grosso dos nossos dias.

Ao defender a conveniência de se implantar uma nova metodologia de ensino sei que estou avançando bem além dos dados disponíveis e dos indicadores e variantes possíveis em nossos dias. Contudo, não temo arriscar em previsões que me permitem dizer que dentro de poucos anos haverá uma radical mudança na área da educação. Tentando resumir a minha argumentação, poderíamos acrescentar que o mundo está sofrendo hoje a maior e a mais rápida transformação de toda a história da humanidade. Do Século XV para cá, com a descoberta do tipo móvel, por Gutenberg, esta velocidade vem se acelerando assustadoramente e de uma forma tal que o computador se integra cada vez mais ao nosso dia-a-dia. Dentro de poucos anos, por exemplo, se a informática não chegar às nossas escolas, teremos um novo tipo de analfabeto. Das 450.000 palavras conhecidas no inglês atual, a título de ilus-

tração, William Shakespeare teria condições de entender, se renascesse hoje, apenas cerca de 250.000 delas. Melhor explicando, o clássico da língua inglesa seria um semi-analfabeto. E o nosso Camões? E a carta de Pedro Vaz Caminha?

Quando publiquei "Melhor Aproveitamento do Cérebro na Educação" no jornal "O ESTADO DE MATO GROSSO", durante quase um ano, afirmei que já são evidentes os sinais de desajuste observado na área de transmissão de conhecimentos e alertei para o fato disto ser danoso para a evolução sócio-econômica da humanidade. E disse mais: dá-se excessiva importância ao computador e o cérebro humano, uma dádiva divina, fica relegado a um plano inferior. O advento da imprensa acelerou o processo de captação, pesquisa e elaboração do conhecimento. Praticamente tudo que influiu no Século XX vem surgindo a partir de um pouco mais de cem anos. E, sem medo de errar, diríamos ainda: O Século XXI se aproxima rapidamente, já estamos em 1981, e nestes 19 anos que restam a evolução tecnológica mudará até mesmo os nossos comportamentos. Antevejo os meios de comunicação influenciando diretamente no homem do amanhã. O avanço tecnológico é tão rápido que nem mesmo as exigências comerciais conseguem freá-lo. Temos o exemplo recente da televisão com som estereofônico, que somente deveria ser lançada oficialmente neste mês de setembro, na Alemanha Ocidental, mas que teve rompidamente uma espécie de "acordo de cavalheiros" já no mês de maio passado. Antevejo, ainda, em função dos avanços que ocorrerão nos meios de comunicação, maior número de alunos para um menor número de professores e de escolas, e o conseqüente menor investimento na área do ensino em função da maior rentabilidade obtida.

Mas vivemos ainda de acordo com métodos superados. As nossas crianças são forçadas a elaborar cálculos com a tradicional taboada, quando a máquina de calcular, cada vez menor e mais barata, ainda sofre resistências. Com os meios de comunicação teremos a futura educação de massa, a baixo custo.

Para o astrônomo norte-americano Harvey Butcher, "não temos provas nem de que estamos sós, nem de que existem outras entidades pensantes". O universo é ainda um grande desconhecido. É verdade que várias conquistas já foram obtidas. Já foi provada, por exemplo, a existência de "moléculas da vida" na atmosfera de Titan, o maior dos satélites de Saturno, quando da passagem da sonda norte-americana "Voyager-I". O "Voyager-II", por sua vez, atingirá Urano em 1986 tres anos depois passará próximo do desconhecido Netuno. Vivemos na galáxia chamada "Via Láctea", onde o nosso Sol é apenas uma das 400 bilhões de estrelas nela existentes. A galáxia mais próxima da nossa é a de Andrômeda, existindo ainda duas outras galáxias menores também conhecidas, as chamadas "Nuvens de Magalhães". Esta imensidão toda, se comparando-se ao infinito do universo, não passa de algo tão insignificante, tão microscópico, que o homem precisa

assumir duas formas de comportamentos: de humildade e de fé permanente em Deus, o Grande Arquiteto do Universo. E, se Deus nos fez à sua semelhança, é impossível, inconcebível, que a humanidade tenha um campo de conhecimento tão restrito. Não pretendemos nos comparar à infinita sabedoria divina, mas temos de entender que somos parte deste universo, onde se estima existir de 100 a mais bilhões de galáxias. Deus, com sua infinita bondade, nos proporcionou um cérebro com imensa capacidade de raciocínio, que deve ser melhor utilizado pelo homem.

O importante agora é saber como utilizá-lo. O cérebro que tem apenas 1.500 gramas em média de peso, é formado por uma massa gelatinosa de 14 bilhões de células, compondo o mais perfeito complexo eletrônico que se possa imaginar. É constituído por dois hemisférios cerebrais, o esquerdo e o direito, repletos de sulcos, e que terminam por um pequeno tronco, conhecido como o tronco cerebral, e por uma massa menor, triangular, conhecida por cerebello. Segundo Camilo Dello, "sem o córtex nenhuma sensação seria percebida, nenhuma ordem dada, nenhuma palavra pronunciada". Aí estão as 14 bilhões de células que são especializadas em receber, conduzir ou emitir mensagens. Se o hemisfério esquerdo é criativo o direito é estético, artístico. Está provado que os dois hemisférios "dialogam" entre si e que cada um pode "pensar" por si, de acordo com as suas habilidades. Contudo, este é ainda um mundo desconhecido. Sabemos apenas que todos nós temos um cérebro igual ao de Albert Einstein e que se usássemos 6% da capacidade natural que temos seríamos um gênio. Por isto, continuo pesquisando na área da educação, do ensino, visando o melhor aproveitamento do cérebro. Talvez não atinja, por incapacidade ou outros fatores, o meu objetivo, mas sou como aquele plantador de castanhas, octagenário, das histórias de califa Harum-el-Rachid, que assim explicava o por que de sua vida: "Tenho prazer em plantar esta árvore. Não importa se eu ou outros colherão as castanhas. Eu também comi dos frutos de árvores plantadas por meus pais e avós".

Na pesquisa histórica, também, se aplica o exemplo do plantador de castanhas. Trata-se de um trabalho muitas vezes anônimo, muitas vezes incompreendido, e geralmente árduo, difícil, com barreiras que surgem desde o momento da pesquisa em si, passando pela sua elaboração, montagem e conclusão, e indo até à edição e à publicação dos resultados obtidos. Os autores mato-grossenses têm contra si a carência de recursos para levar suas obras ao conhecimento do público em geral, que, no fim, é o grande beneficiado, pois já recebe um material literário concluído. O caso de Rubens de Mendonça, com 46 livros já publicados, é inédito em Mato Grosso, e assim mesmo ele ainda tem outros títulos a publicar e se depara com as barreiras de custos. O confrade Luis-Philippe Pereira Leite, outra grande expressão da literatura mato-grossense, chega ao ponto de pagar todas as despesas com a publicação dos seus livros. Qualquer obra literária é uma contribuição valiosa ao presente e ao futuro, trazendo imagens que não podem ser esquecidas, notadamente do passado.

Cícero dizia que a História é a “mestra da vida”. A propósito, lembro um fato ocorrido na Prússia. O rei Frederico, o Grande, queria aumentar os limites do seu parque, denominado Sans Souci, e para tanto precisava comprar a propriedade vizinha, de um moleiro. Este se recusou a vender a área. O rei Frederico mandou chamá-lo e insistiu com a compra. O moleiro não concordou, pois ali havia morrido o seu avô e ali tinham nascido seus filhos. Não venderia por qualquer preço. O poderoso monarca perdeu a paciência diante daquele seu súdito e perguntou: “Você não sabe que eu posso tomar suas terras sem pagar?”. O moleiro, contudo, estava confiante: “Poderia, se não tivéssemos juizes em Berlim”. Encantado em saber que no seu reino se confiava tanto na justiça, o rei Frederico disse aos cortesãos que os planos de ampliação do parque seriam modificados. E, virando-se para o moleiro, acrescentou: “Vizinho, guarde sua terra. Gostei muito de sua resposta”. Os anos se passaram e um século depois o fato teve seu desdobramento. Um bisneto do famoso moleiro de Sans Souci estava enfrentando dificuldades financeiras e procurou o rei de então, descendente do rei Frederico, o Grande, e comunicou a sua decisão de vender o moinho. A resposta do rei veio numa carta em que dizia: “Meu caro vizinho. Seu moinho não é meu e nem seu. Pertence à História. É para nós, portanto, impossível a você vendê-lo e a mim comprá-lo. Como, entretanto, os vizinhos devem ajudar-se uns aos outros, remeto-lhe uma ordem de pagamento de 10.000 florins, que você poderá receber no Tesouro”.

Como fazer justiça aos que trabalham incansavelmente na transmissão da História e na preservação da memória de Mato Grosso? Prestigiando a Academia Mato-Grossense de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, proporcionando aos seus membros os recursos disponíveis para que possam publicar os seus livros. Realizamos hoje a primeira Sessão da Academia Mato-Grossense de Letras após a reforma da Casa Barão de Melgaço, cujas obras foram autorizadas pessoalmente pelo governador Frederico Carlos Soares de Campos, aqui presente, e recebendo o título a que tem direito de presidente de honra do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Dele esperamos muito, pois Mato Grosso é um manancial permanente de grandes homens, alguns deles patronos de Cadeiras desta Casa, onde ingresso orgulhoso dos meus novos pares e agradecido pela generosidade que me proporcionaram, acolhendo este cuiabano-cearense que ama demais Mato Grosso e admira profundamente o valor e a fibra daqueles que construíram a glória deste Estado.

Com o meu muito obrigado pela presença de todos, aqui fica um compromisso sagrado: o de sempre ser digno deste instante, desta Academia Mato-Grossense de Letras, e deste Mato Grosso onde vi florescer o meu amor à Mindinha, onde nasceram os meus filhos Marcelo, Márcia Fátima, Marcos e Mauro, e onde espero viver muito até o dia em que terei cumprido minha missão na Terra”.

Discurso de Recepção

CADEIRA Nº 22

Proferido pelo Acadêmico RUBENS DE MENDONÇA

Senhor Acadêmico PEDRO ROCHA JUCÁ:

Corria o ano de 1.959. Uma bela manhã apareceram em minha residência uns jovens que vieram participar de um Congresso Estudantil em Cuiabá. Um deles representava Corumbá, onde então residia. O jovem representante de Corumbá, chegou, viu, gostou e ficou. Trocou a sua longínqua terra de Iracema, pelos, encantos da nossa Cidade Verde decantada por Dom AQUINO CORREA. O jovem estudante logo revelou o seu pendor à Imprensa. Nessa época era Presidente da Associação de Imprensa Mato-Grossense, o Dr. JOSÉ JAYME FERREIRA DE VASCONCELOS, o jornalista de vida mais agitada que teve o nosso Estado. Por proposta minha o Dr. JAYME aceitou o jovem estudante para o quadro da nossa Associação e assim JUCÁ iniciou a sua carreira jornalística. A vida de Imprensa é uma constante luta inglória. Sobreretudo na Imprensa Mato-Grossense que é pobre apesar de contar com 152 anos de existência. Ela nasceu com o THEMIS MATOGROSSENSE a 14 de agosto de 1.839, jornal de pequeno formato, impresso em duas colunas, em papel almasso, medindo 0,13 x 0,21 centímetros e circulava às quartas-feiras. Folha destinada a publicação de atos oficiais, o Governo da Província, cuja assinatura custava 880 réis por trimestre e 80 réis por exemplar avulso.

Mas, como eu disse, a Imprensa, o Jornalismo é uma profissão ingrata. Quantos dissabores não passa um jornalista, às vezes por divulgar uma simples notícia?

As vezes se dá um escândalo social. Ótima notícia. Vai o repórter e divulga o fato. No dia seguinte no mínimo recebe uma descompostura pelo telefone, isso quando o repórter está com muita sorte.

A notícia imparcial é a que interessa ao público. Antigamente os jornais gastavam páginas e páginas com o célebre ARTIGO DE FUNDO. Hoje o ARTIGO DE FUNDO caiu em desuso. ARTIGO DE FUNDO, diz ALBERTO ROMERO: "era nos jornais do passado, a materialização de pensamento político do Diretor. Caracterizava-se quase sempre por um estalo personalista, oratório e superficial. Nos artigos de fundo o essencial não eram os problemas, mas sim derrubar o governo". Hoje, jornal é notícia, exclusivamente notícia, seu dever é informar o leitor o que se passa no Mundo. O sensacionalismo desvirtua a finalidade da Imprensa.

Houve época em que os jornais políticos publicavam artigos que constituíam verdadeiras ofensas pessoais. Hoje já não é assim, isso já não interessa a ninguém.

A Imprensa mudou. Quem escreve jornal nesse estilo, não tem leitores. Essa modificação não se operou somente no Brasil, mas no Mundo.

Quantos jornalistas não foram espancados, corridos, ou mesmo assassinados?

O jornal é uma arma de dois gumes.

Se não fosse a imprensa mal orientada muitas vidas teriam sido poupadas, como a do caricaturista ROBERTO RODRIGUES, filho do jornalista MÁRIO RODRIGUES. ROBERTO foi assassinado pela escritora SILVIA SERAFIM.

É dever de todos os jornalistas com J maiúsculo, combater a Imprensa "marron", das chantagens, essa não foi a Imprensa sonhada por GUSTAVO DE LACERDA, o fundador da ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA, e nem do HERBERT MOSES, o grande Presidente da ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA.

O jornal moderno é uma empresa comercial, onde trabalham grande número de pessoas nas suas diversas seções: Redação, Fotografia, Revisão, Publicidade, Relações Públicas, Arquivo, Estereotipia, Contabilidade, Fundição, Oficinas de Rotativas, de Composições mecânicas, Distribuição, Serviço de Pessoal, Limpeza, Tesouraria, Almozarifado, Eletricidade, Expedição, Telefonia, Restauração, Serviços Médicos, Portaria, etc.

Isso naturalmente na Imprensa dos grandes centros Rio e São Paulo. Nós em Mato Grosso, lutamos com os maiores sacrifícios para manter um jornal.

Isso, sim, é o que MONTEIRO LOBATO deveria ter chamado de heroísmo dos tempos modernos.

Os nossos jornais, para se manterem, luta com toda a sorte de dificuldades.

A composição até há bem pouco tempo era manual. Pouca publicidade e mal paga e ainda sofre a concorrência do rádio (Imprensa falada) e da Televisão (Imprensa de transmissão de imagem), a notícia do rádio ou da televisão, vive apenas o momento em que é ouvida ou vista, a IMPRENSA ESCRITA, essa fica através dos séculos.

Uma nota divulgada pelo rádio ou televisão vive apenas aquele momento e uma nota da Imprensa Escrita, esta fica para fazer a História.

O jornalista nasce jornalista.

Razão teve RUY BARBOSA, o defensor máximo das liberdades públicas no Brasil, para afirmar: "Nos países onde o parlamento representa mal a Nação, a pena do jornalista vale mais que a eloquência do orador. E jornalista é que nasci, jornalista é que sou, de jornalista não me hão de demitir enquanto houver imprensa, e a imprensa for livre, e este resto de liberdade nos indicar que a Pátria respira".

JUCÁ também nasceu jornalista e hoje dirige um dos maiores jornais do Estado: "O ESTADO DE MATO GROSSO". JUCÁ, disse-me certa vez o meu Amigo ROBERTO JACQUES BRUNINI, o Papa das Comunicações de Mato Grosso, é um moço que se fez por si mesmo, ele idealizou e fundou a JORNAMAT. Deu-lhe vida. Fez na sua gestão como Presidente daquela entidade realizar vários Congressos Regionais de Jornalistas: em Campo Grande, Corumbá, Aquidauana e Dourados.

No vosso discurso, assinaei e com razão, que os discursos de posses dos Acadêmicos, devem ser breves. Já se foi o tempo em que o Acadêmico que ia se empossar lia um discurso de 3 horas a fio. Isso cansa o auditório, fadiga e perde o interesse, porque depois de decorridos 15 minutos de oração já ninguém lhe presta a atenção devida. DOM AQUINO sempre dizia que os discursos deveriam ser curtos para agradar.

E classificava: razoável o discurso de uma hora, ótimo quando o orador falava apenas 30 minutos e bom-bom quando era curto. Também os discursos de posse não podem ser como o daquele Oficial inglês que relatava com orgulho a seguinte passagem: "Eu era o Alto Comissário para a Guiana Inglesa e Barbados e estava em Londres; onde deveria ser o principal orador num jantar da Câmara dos Comuns. Os dois oradores que me antecederam pareciam nunca mais acabar. Finalmente, chegou a minha vez, e o mestre de cerimônias, percebendo a disposição da assistência, disse "Implorai a Deus pelo silêncio de Sua Excelência o Alto Comissário..." e o resto das suas palavras foi abafado pelo riso dos presentes.

Levantel-me para falar. "Excelências, minhas senhoras e meus senhores", comecei, "as vossas orações foram atendidas". Entre aplausos reconhecidos, sentei-me novamente".

VISCONDE DE TAUNAY

O vosso patrono, Sr. PEDRO ROCHA JUCÁ foi um dos grandes escritores do Brasil. Era romancista mais que historiador. O General RAUL SILVEIRA DE MELO a respeito do VISCONDE DE TAUNAY escreveu: "Taunay era mais propenso ao genero de ficção e ao romance do que

propriamente à História, senão à história vivida por ele mesmo. A ninguém é dado negar as qualidades de escritor do VISCONDE DE TAUNAY. Seu romance INOCÊNCIA é uma obra prima da literatura brasileira.

Sobre Mato Grosso, TAUNAY escreveu várias obras: "A Retirada da Laguna", "Inocência", "Céu e Terras do Brasil", "Dias de Guerra e Sertão", "A Cidade do Ouro e das Ruínas", neste livro ele se baseou em informações prestadas pelo General JOÃO DE OLIVEIRA MELO, infelizmente quando o bravo militar já estava esclerosado.

CARLOS DE CASTRO BRASIL

O vosso antecessor, eu o conheci pessoalmente, CARLOS DE CASTRO BRASIL era um homem de luta. Foi sempre jornalista e jornalista de oposição, manejava a pena de combate no jornalismo, com a mesma facilidade com que escrevia as suas magníficas poesias.

HÉLIO SEREJO, nosso confrade ilustre, viu na poesia de CASTRO BRASIL, a influência de dois grandes poetas patrícios FAGUNDES VARELA o imaginista, e AUGUSTO DOS ANJOS, o filósofo inquieto, o tão discutido poeta da Dor.

Seus versos quando valerianos, nos dão a sensação de uma coisa que parou no espaço, mas que tocou, profundamente, a nossa sensibilidade. Uma espécie de visão, em forma de imagem poética que surgiu para nos proporcionar as fagueiras delícias de um encantamento divino.

Quando augustianas, as produções poéticas do ex-aluno revolucionário do Colégio Militar do Rio de Janeiro, nos comprimm o coração porque possuem a sensação esquisita do mistério e vem impregnadas de profunda e rígida concepção filosófica. Neste caso, ele vê a vida pelo mesmo prisma místico que a via o sensibilismo versista paraibano, sendo consequentemente um conceituado, um imaginista, um dogmático, seguro de si próprio e dos seus aprofundados pensamentos. Mas de qualquer forma, o vate mato-grossense, com o rigor da cadência dos seus variados versos e a sua indiscutida força de criar subtilíssimos e empolgantes imagens, agrada a gente.

Não sendo, como não o é, um desvairado da fantasia, não chega nunca aos meandros do criminoso rebuscamento, deixando que lhe venha dentro de uma doce e singular espontaneidade, sendo essa a causa primordial de sua poesia viva, agitada, filosófica, intensamente sentida.

CARLOS DE CASTRO BRASIL, verzejador de fino quilate, experimentado sonetista, dono e senhor de uma

intensa sensibilidade ampliativa, criou também, como muitos outros, a sua própria poesia; essa poesia filosófica, controlada pela força prodigiosa da razão, poesia que viverá sempre porque jamais envelhecerá com o perpassar dos anos.

Criando um clima poético todo seu, e um ambiente castrobrasiliano de idéias fortes, pensamentos e sensações emocionantes, o vate, logo nos primeiros versos, levanta uma atmosfera que envolve e prende o leitor, forçando-o a se colocar dentro do espírito do ritmo da composição.

Suas imagens, trabalhadas com vivacidade e erudição, o seu estilo poético, a grandeza dos conceitos filosóficos, brilham intensamente no corpo da composição, razão porque CARLOS DE CASTRO BRASIL, agrada facilmente desde o primeiro relancear de olhos.

Em cada verso seu se denota, logo à primeira vista, a preocupação do vate de levar a composição em um só ritmo, dando-lhe desta forma, um tal sonoridade que qualquer criança o leria sem tropeços e sem vacilações.

Ouçamo-lo neste soneto:

VELHAS CARTAS

Essas cartas de amor, que outrora me escreveste,
Ao tempo em que te amei e em que me amaste, são
Para mim, hoje que de tudo te esqueceste,
Uma reminiscência.. uma recordação...
Umas, chorosas, — quando a saudade sofrete.
Outras, alegres, — quando amamos na ilusão ...
Todas sabendo aquele estilo em que verteste
Tua alma de mulher, no fogo da paixão ...
Tu nem te lembras mais dessas cartas, — quem sabe?
Que te importa, também, que eu as tenha queimado,
Que esta história de amor, para sempre, se acabe?!...
Velhas cartas ... dirás, absorta, esquecida ...
Velhas cartas ... Mas são a história do passado
Do mais sincero amor que tiveste na vida!

JORNALISMO E LITERATURA

ANDRÉ GIDE tentou excluir o jornalismo da literatura, mas eu acho que não tinha razão o grande escritor francês. Para mim o jornalismo é uma das mais difíceis concepções literária, ele exige rápido raciocínio, clareza e simplicidade. Outra coisa a salientar é que o jornalismo exige do profissional cultura generalizada, para que ele como conta MEDEIROS E ALBUQUERQUE, no seu livro de memórias: "QUANDO EU ERA VIVO", a respeito de ALCINDO GUANABARA e JOSÉ CARLOS RODRIGUES: "O redator-chefe do "JORNAL DO COMÉRCIO" pediu a ALCINDO GUANABARA que escrevesse um artigo sobre

CRISTO, porque o jornal costumava publicar às sextas-feiras Santas um longo artigo de JOSÉ CARLOS RODRIGUES sobre a vida de CRISTO. Nesse ano, porém estando em viagem, JOSÉ CARLOS mandou um artigo muito menor do que de costume. Era preciso encher o espaço que ficou reservado. O Gerente do Jornal chamou ALCINDO e pediu-lhe que escrevesse o artigo. Tratou a extensão e o preço. ALCINDO aceitou e saiu. Depois de alguns passos, voltou atrás e perguntou ao gerente:

Você se esqueceu de me explicar se o artigo deve ser contra ou a favor”?

Outra coisa que me leva a discordar de GIDE é que na opinião de JOSÉ VERÍSSIMO: “EUCLIDES DA CUNHA, no consenso da crítica, é considerado com justiça um dos maiores escritores brasileiros de todos os tempos, e um dos primeiros prosadores da língua portuguesa. A sua obra tem elementos suficientes para resistir a modas e gostos, mercê da perenidade da Arte”. E entretanto “OS SERTÕES” são reportagens de um jornalista, pois em 1.897, EUCLIDES seguiu para Canudos como Correspondente do jornal “O ESTADO DE SÃO PAULO”, a fim de fazer a cobertura jornalística do movimento sedicioso de ANTONIO CONSELHEIRO.

Assim, também, Sr. PEDRO ROCHA JUCÁ a vossa obra tem sido de jornalista. Preferistes, ao em vez de livros, CADERNOS anexos ao vosso jornal. Assim escrevestes um Caderno sobre o MARECHAL RONDON, qual intitulastes a “EPOPEIA DE RONDON”, e vários outros, como sobre o ICM.

JORNAMAT

Eu sempre fui e continuo a ser favorável que JUCÁ seja o Presidente da JORNAMAT, ou melhor do SINDICATO DOS JORNALISTAS PROFISSIONAIS DE MATO GROSSO, embora ache que o nosso SINDICATO está muito bem dirigido pelo nosso confrade JOSÉ EDUARDO DO ESPÍRITO SANTO.

No IV CONGRESSO REGIONAL DE JORNALISTAS realizado em Corumbá, em 1.972, no seu encerramento foi concretizado o vosso maior sonho. Nessa data o Delegado Regional do Ministério do Trabalho e Previdência Social, Dr. JOÃO BEM DIAS DE MOURA FILHO vos fez a entrega, na qualidade de Presidente da JORNAMAT da Carta SINDICAL DOS JORNALISTAS PROFISSIONAIS DE MATO GROSSO. Estava realizado um dos grandes sonhos da vossa vida.

SOLDADO ENTREVISTA O MINISTRO DA GUERRA

Já estava iniciada a campanha para sucessão do Senhor JUSCELINO KUBITSCHER a Presidência da Repú-

blica. O candidato do PSD-PTB à sucessão de KUBITSCHKEK era a Marechal HENRIQUE BATISTA DUFFLES TEIXEIRA LOTT que ainda não havia desincompatibilizado para concorrer ao pleito. Estávamos na residência dos Governadores. O então Governador do Estado era o Dr. JOÃO PONCE DE ARRUDA. JUCÁ era praça de pré, estava servindo ao Exército Nacional. Era ele o único jornalista que trazia consigo um gravador. O Marechal LOTT ia fazer um pronunciamento.

Um Oficial do 16º B.C. achou que JUCÁ na qualidade de soldado, não podia entrevistar o Ministro da Guerra. JUCÁ veio e me falou nisso. E eu falei com o meu saudoso Amigo General JOAQUIM VICENTE RONDON, que servia no Gabinete do Ministro, fiz notar a qualidade de JUCÁ ser um simples soldado. O General JOAQUIM VICENTE me respondeu: fale você diretamente com o Marechal, a mim ele pode negar, mas a você ele não negará. O Marechal LOTT apenas me perguntou: onde está o rapaz? Diga-lhe que pode vir me entrevistar. E assim JUCÁ foi na História do Brasil o único soldado que entrevistou um Ministro da Guerra.

Senhor Acadêmico PEDRO ROCHA JUCA, por tudo que fizestes por Cuiabá e Mato Grosso, podeis entrar na nossa Academia dizendo como a IRENE da poesia de MANUEL BANDEIRA, quando pediu a SÃO PEDRO LICENÇA PARA ENTRAR NO CÉU:

“LICENÇA, meu branco!

E São Pedro todo bonachão:

— Entra, IRENE. Você não precisa pedir licença”.

A Capital da Cultura

HUGO PEREIRA DO VALE

Estivemos em Cuiabá no dia 7 de Setembro com o fim precípua de assistir à posse da nova diretoria da Academia Mato-Grossense de Letras, à qual pertencemos. É o novo Presidente o ilustre acadêmico, Lenine Póvoas e seu vice outro Acadêmico de reconhecida cultura, Archimedes Pereira Lima.

Cuiabá, como sempre, é a afetuosa Capital Hospitaleira. Fomos recebidos com o maior carinho e atenção. Conosco estava, com a mesma finalidade, o Acad. da mesma Academia Antonio Lopes Lins, com a delegação de representar a Academia Sul-Matogrossense de Letras, porém, com a grandeza do seu coração que lhe é mui peculiar, outorgou-me a honra.

Presentes ao ato estavam Sua Excelência o Senhor Governador do Estado: Frederico Soares Campos, Sua Excelência o Senhor General comandante da tropa do Exército sediada na Capital, o Senhor Prefeito, Vice-Prefeito, Vice-Governador, Presidente da Assembléia Legislativa, Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Arcebispo, o Presidente do Instituto Histórico de Mato Grosso Luis Philippe Pereira Leite, o Vice-Presidente do mesmo Instituto e secretário da Academia de Letras o famoso Rubens de Mendonça, a Presidente da Academia Corumbense de Letras, grande número de acadêmicos e convidados que lotaram plenamente o grande salão.

A Casa do Barão de Melgaço está de roupagem nova, reformada, graças à eficiente atuação do Governador que tudo faz para prestigiar a cultura do seu Estado. No orçamento que acaba de ser elaborado, uma verba de Cr\$ 20.000.000,00 (vinte milhões de cruzeiros), "para começar" nas palavras do Governador Frederico, é destinada à Academia, Instituto Histórico para microfilmagem dos jornais desde o começo do Estado, republicação de livros de antigos autores e dos atuais.

Tomou posse neste 7 de Setembro, data da fundação da venerável e vetusta Academia há 60 anos, o novel Acad. Pedro da Rocha Jucá, inteligente e dinâmico jornalista, atuante de longa data na imprensa matogrossense. Seu discurso de posse agradou a todos pelo conteúdo e seu bom português. Foi ele introduzido no salão acompanhado pelos acadêmicos, desembargador Arruda, Antonio Lopes Lins e Hugo Pereira do Vale. As demais orações ouvidas, de Rubens de Mendonça, Lenine Póvoas e Governador Frederico Campos agradaram sobremanei-

ra pela lhanza e beleza da forma. O senhor Governador demonstrava e afirmara com sua presença e suas palavras o alto interesse que tem pela cultura do tradicional e grande Mato Grosso. É realmente um homem à altura do cargo.

O tratamento que a Academia Mato-Grossense de Letras dispensou aos membros da Academia do Sul foi notado em todos os gestos e atos do novo Presidente e demais confrades. Lenine Póvoas e Archimedes Pereira Lima foram ao distante aeroporto levar as despedidas e votos de boa viagem ao autor destas linhas e sua esposa D. Helena Pereira do Vale, demonstrando mais uma vez, no último instante da nossa agradável estada naquela Capital, um gesto de nobreza e fidalguia do povo cuiabano.

(Artigo publicado no Jornal "O Estado de Mato Grosso" de 20/Set/1.981).

Uma Sessão Memorável

ANTONIO DE ARRUDA

No dia 7 de setembro último, a Academia Matogrossense de Letras reuniu-se para empossar sua nova Diretoria e para receber o acadêmico Pedro Rocha Jucá. Assistindo a essa sessão, lembrei-me de uma outra, ocorrida em 1.952, quando a Academia resolveu prestar uma homenagem a José de Mesquita, que regressava a Cuiabá após seis meses de ausência. Falamos, nessa ocasião, Francisco Mendes, Corsindio Monteiro da Silva, Gervásio Leite, Rubens de Mendonça, Augusto Mário Vieira (representando a Associação Matogrossense de Imprensa) e eu.

Naquela sessão, a que o próprio Mesquita chamou a "Festa da Amizade", cada um de nós analisou determinado aspecto das atividades literárias do homenageado, que respondeu com palavras comovidas. O Ministro Edmundo Ludolf, de passagem por Cuiabá, esteve presente à solenidade e ressaltou sua importância. Disse ele que aqueles que residem nas metrópoles não fazem idéia do movimento cultural das províncias e ficariam admirados se assistissem a uma festa literária como a daquele dia.

Agora que estou também fora de Cuiabá, posso oferecer testemunho idêntico, afirmando que reuniões como a do dia 7 de setembro não ficam a dever nada a outras, de caráter literário, que tenho visto em importantes cidades do País. Solenidade como essa demonstra que Cuiabá não perdeu seus foros de centro cultural significativo, que sempre foi, e cada vez mais se aprimora. Em Cuiabá, ainda se cultivam as coisas do espírito, produto admirável do pensamento humano — coisas a que muitos negam apreço, mas que fazem parte das preocupações de outros, como os que integram nossa Academia.

Na noite de 7 de setembro, a Academia reviveu seus tempos de esplendor, empossando inicialmente a nova Diretoria, encabeçada pelo acadêmico Lenine de Campos Póvoas, que proferiu belo discurso, como se podia esperar de quem está familiarizado com a difícil arte de escrever e de falar. De Lenine se pode esperar também que irá dinamizar a Academia, à semelhança do que tem feito com outras instituições que já presidiu.

Mas o 7 de setembro foi para a Academia particularmente o Dia do Jornalista — jornalista em sua feição clássica, como elemento representativo da inteligência humana, nos últimos séculos. A imprensa está inserida no extraordinário campo da comunicação — hoje uma re-

quintada ciência — e desdobra-se em muitas facetas, transformando o mundo na Aldeia Global, de que falou Mc Luan.

Nesse imenso processo da comunicação, o jornalismo e o jornalista continuam em lugar de destaque. E o 7 de setembro se transformou na Academia, como disse, no Dia do Jornalista. Jornalista foi o ocupante anterior da cadeira nº 22, Carlos de Castro Brasil, que conheci em Corumbá, grande figura humana e intelectual de escol. Rubens de Mendonça, que recebeu o novo acadêmico, é também jornalista, pois, além de poeta e historiador, tem nas lides do jornal uma de suas ocupações constantes. Enfim, jornalista é o novo acadêmico, Pedro Rocha Jucá, esse cearense cuiabanizado que todos conhecemos e admiramos. Jucá tem dedicado ao jornalismo o melhor de seus esforços. Venho acompanhando sua trajetória, ao longo dos anos, e pude verificar o quanto é extremado seu amor à profissão que abraçou. Jucá persegue o fato desde sua fonte, no momento da ocorrência, e sabe distinguir o que é e o que não é notícia. Feita a escolha, ele procura então a melhor forma de divulgar a notícia. Trata-se de um jornalista ágil, que tem por princípio a clareza, a precisão e a concisão do informe.

No jornal "O ESTADO DE MATO GROSSO", Jucá foi o consolidador da obra pioneira de Archimedes Lima, o fundador, e de seus continuadores, como Nilo e Lenine Póvoas, Hilton Martiniano e outros. Jucá fez do "ESTADO DE MATO GROSSO" um jornal moderno e dinâmico, e o que parecia impossível ele realizou: criar uma empresa jornalística em Cuiabá. Jornal como empresa, eis a realização máxima de Jucá. Construiu ele, portanto, um verdadeiro patrimônio espiritual, a que seu nome ficará ligado indissolavelmente.

Merece, pois, o jornalista Pedro Rocha Jucá as homenagens que lhe prestou a Academia Matogrossense de Letras, elegendo-o para compor seu quadro de associados e recebendo em noite de gala, onde não faltou a palavra autorizada do acadêmico Luiz-Philippe Pereira Leite, que fez entrega ao governador Frederico Campos do título de Presidente de Honra do Instituto Histórico de Mato Grosso, pela reforma que promoveu na Casa Barão de Melgaço" e por outros serviços prestados às duas instituições que ali têm sua sede. O Governador respondeu com palavras eloquentes, prometendo continuar prestigiando e incentivando a cultura, em nosso Estado.

Ao Jucá renovo, de público, meus cumprimentos, expressando a convicção de que saberá honrar, como é o de seu feitio, a nova missão que recebeu da intelectualidade da terra matogrossense, terra que hoje é também sua, pelo amor que lhe dedica e pelo muito que já fez pelo seu progresso.

Academia Matogrossense de Letras

Acadêmicos residentes em Cuiabá:

- 1 - Acad. Benjamin Duarte Monteiro — Rua Cândido Mariano 258
- 2 - Acad. D. Maria de Arruda Muller — Rua Campo Grande 464
- 3 - Acad. Rubens de Mendonça — Rua Barão de Melgaço 3753
- 4 - Acad. Archimedes Pereira Lima — Rua 17 — Quadra 36 — Bairro Boa Esperança
- 5 - Acad. Francisco A. Ferreira Mendes — Ed. Maria Joaquina — Praça Alencastro n° 50
- 6 - Acad. Luis Philippe Pereira Leite — Rua João Dias 313
- 7 - Acad. Agenor Ferreira Leão — Rua Cândido Mariano 443
- 8 - Acad. João Antonio Neto — Quadra 2 — Casa 7 — Jardim Petrópolis
- 9 - Acad. Helio Jacob — Av. Dom Bosco 626
- 10 - Acad. Domingos Sávio Brandão Lima — Av. Tte. Cel. Duarte 1467
- 11 - Acad. Lenine de Campos Póvoas — Rua Estevão de Mendonça 1877
- 12 - Acad. José Ferreira de Freitas — Quadra 7 — Casa 11 — Jardim Petrópolis
- 13 - Acad. Pe. Raimundo da Conceição Pombo Moreira da Cruz — Colégio Salesiano São Gonçalo — Av. Dom Bosco
- 14 - Acad. Pedro Rocha Jucá — Rua 8 n.º 285 — Boa Esperança
- 15 - Acad. João Moreira de Barros — Rua Presidente Marques — 226
- 16 - Acad. Adauto Dias de Alencar — Rua Dr. Carlos Bortalho — 300 — (Bairro Poção)
- 17 - Acad. Benedito Pedro Dorileo — Rua Diogo Domingos Ferreira 63
- 18 - Acad. Vera Randazzo — Rua 12 de Outubro — 324

Acadêmicos residentes fora de Cuiabá:

NO RIO DE JANEIRO — RJ:

- 1 - Acad. Des. Antonio de Arruda — Rua Dias da Rocha 12 — Apt.º 602 — Copacabana — CEP 22.051.
- 2 - Acad. Des. Ernesto Pereira Borges — Rua General Urquiza 44 — Apt.º 501 Leblon — CEP 22.431
- 3 - Acad. Gen. Joaquim Justino Alves Bastos — Av. Atlântica 416 — Apt.º 401 — Copacabana — CEP - 22.010
- 4 - Acad. Gen. Frederico Augusto Rondon — Estrada Velha da Tijuca — 162 — Tijuca CEP 20.000

- 6 - Acad. Sen. João Vilasbôas — Av. N. S. Copacabana 1394
— Apt.º 801 — Copacabana CEP 22.070
- 6 - Acad. Des. Gervasio Leite — Rua Sá Ferreira 152 — Aptº
301 — Copacabana — CEP 22.071

EM SAO PAULO — SP:

- 1 - Acad. Dr. Janio da Silva Quadros — Av. Angelica 2261 —
Santa Cecilia — CEP 01228

EM BRASÍLIA — DF:

- 1 - Acad. Dr. Corsindio Monteiro da Silva — SQS 307 — Blo-
co D — Aptº 603 — CEP 70.354
- 2 - Acad. D. Ana Luiza Prado Bastos — QI 7 — Conj. 17
C 26 — Lago Sul — CEP 71.600

EM NITERÓI — RJ:

- 1 - Acad. Dr. Jary Gomes — Rua Nobrega n.º 198 — CEP
24.220 — Santa Rosa

EM PRESIDENTE VENCESLAU — SP:

- 1 - Acad. Dr. Helio Serejo — Rua Almirante Barroso 54
Cx. Postal 1321 — CEP 19.400

EM CORUMBÁ — MS:

- 1 - Acad. Gen. Lecio Gomes de Souza — Rua Delamare 1207
— Apt.º 801 — CEP 79.300
- 2 - Acad. Dr. Gabriel Vandoni de Barros — Rua Cuiabá 1.181
— CEP — 79.300

EM CAMPO GRANDE — MS:

- 1 - Acad. Dr. Demosthenes Martins — Rua Pedro Celestino
1079 — CEP — 79.100
- 2 - Acad. Dr. José Couto Vieira Pontes — Rua Goiás 522 —
Jardim dos Estados — CEP 79.100
- 3 - Acad. Dr. Hugo Pereira do Vale — Av. Mato Grosso 220
— CEP — 79.100
- 4 - Acad. Dr. Antonio Lopes Lins — Rua 7 de Setembro 1045
— CEP — 79.100
- 5 - Acad. Dr. Bernardo Elias Lahdo — Av. da Consolação
141/151 — CEP — 79.100

EM TRÊS LAGOAS — MS:

- 1 - Acad. Dr. Francisco Leal de Queiroz

EM GOIÂNIA

- 1 - Acad. Francisco Ayres

Sumário

	Pags.
Justificativa	03
Diretoria empossada a 7-9-81	05
Quadro de sócios efetivos a 7-9-81	07
Discurso proferido pelo Presidente Lenine C. Póvoas	12
Discurso de posse proferido pelo Acad. Pedro Rocha Jucá ..	15
Discurso de recepção proferido pelo Acad. Rubens de Mendonça	25
“A Capital da Cultura”, pelo Acad. Hugo Pereira do Vale ..	33
“Uma sessão memorável”, pelo Acad. Antônio de Arruda ..	35
Endereços dos membros efetivos da AML.	37